

Práticas pedagógicas dos professores durante o 1.º confinamento, em Portugal, devido à COVID-19 – aos olhos dos pais

Clarinda Barata

ESECS, CI&DEI, Politécnico de Leiria, Portugal, clarinda.barata@ipleiria.pt.

Resumo

Portugal e o mundo, em 2020, foram surpreendidos pela pandemia provocada pelo sars cov 2 covid 19. O pouco conhecimento sobre a transmissibilidade do mesmo, obrigou ao encerramento das escolas e a transição para modalidades de teletrabalho sempre que o mesmo fosse viável.

Educadores, professores, pais e alunos, de uma maneira geral, não estavam preparados para no imediato reagir de forma eficaz, sem que as desigualdades socioeconómicas das famílias aumentassem as desigualdades de acesso e sucesso dos alunos.

Houve um esforço, por parte da tutela, em colmatar essas carências com a criação de um programa televisivo designado por estudo em casa, transmitido num canal aberto sem que houvesse a exigência de custos acrescidos para as famílias ao nível de internet. Houve assim espaço para os professores, por um lado, se adaptarem à nova realidade e, por outro, integrarem, caso assim o entendessem, os conteúdos desses programas nas suas práticas letivas. As dinâmicas adotadas foram as mais variadas.

No presente artigo dá-se conta do resultado de uma investigação que tinha por objetivos: caracterizar a amostra; perceber como os pais/encarregados de educação, durante o confinamento, fizeram a gestão familiar/escolar e profissional, o que mais lhes agradou e que significado deram a essas propostas; descortinar as principais dificuldades sentidas durante esse período.

Aplicou-se um inquérito por questionário – através da plataforma GoogleForms e disponibilizou-se nas redes sociais em abril de 2020, do qual ressaltou que a gestão familiar/escolar e profissional foi minimamente bem conseguida; houve uma valorização das propostas feitas e que as mesmas foram fundamentais para manter uma rotina de trabalho e continuidade de aprendizagem, apesar do manifesto cansaço que todo o contexto implicou.

Palavras chave: *ensino presencial, ensino não presencial, ensino à distância, gestão familiar.*

Introdução

Perante a primeira paragem forçada de Portugal e do mundo, a 13 de março de 2020, ao nível da educação assistiu-se a uma alteração nunca vista, no que respeita a uma passagem da educação presencial (tradicional), para uma educação à distância. Esta crise também nos relembrou a importância e a centralidade da educação pública como forma de combater as desigualdades. Neste contexto, emergiu uma variedade de situações no terreno, nem todas convergentes com a definição de educação à distância, chegando mesmo a ser apelidada por vários investigadores de ensino remoto à distância de emergência.

O governo português, através do Ministério da Educação implementou um conjunto de respostas de educação à distância que passaram pelo uso de plataformas digitais, televisão e tarefas enviadas para casa. A educação à distância em Portugal tinha pouca expressão e onde existia era ao nível do ensino superior, pelo que nos restantes níveis de ensino não era uma realidade conhecida pelos professores. O acesso a tecnologias e à internet, em pleno século XXI em Portugal, ainda é desigual. Portanto, era imprescindível estudar como é que os pais/encarregados de educação lidaram com este período, que era novo para todos os intervenientes, desconhecendo se mais paragens iriam ou não ocorrer.

As realidades vivenciadas, por cada família, foram distintas. Algumas podiam ajudar os filhos a aprender mais do que outras, devido a múltiplos fatores que variavam: desde a maior ou menor disponibilidade para acompanhar os filhos nas tarefas escolares, dando-lhes auxílio nas aulas on-line; capacidades cognitivas dos progenitores; a facilidade em aceder a materiais on-line (Dias & Pinto, 2020).

O presente artigo é o resultado da aplicação de um inquérito por questionário, disponibilizado nas redes sociais em abril de 2020 e foi respondido por pais/encarregados de educação, no sentido de perceber como é que durante o período de confinamento, fizeram a gestão familiar/escolar e profissional, o que mais lhes agradou e que significado deram às propostas; descortinar as principais dificuldades sentidas durante esse período.

1.1. Ensino presencial e ensino não presencial – conceitos.

A tecnologia digital é sem dúvida uma ferramenta com um potencial imenso, podendo-se constituir, quando bem usada, numa fonte de inovação. É uma ferramenta que facilitadora da comunicação, da colaboração e da aprendizagem à distância. Contudo, não nos podemos esquecer que exige conhecimentos e domínio tanto da parte dos docentes, quer da parte dos estudantes e famílias (UNESCO, Protecting and Transforming Education for Shared Futures and Common Humanity - A Joint Statement on the COVID-19 Crisis, 2020).

Importa, então, clarificar conceitos de ensino presencial e de ensino não presencial. Assim, entende-se por ensino presencial “aquele em que a interação entre professores e alunos requer a presença de ambos num determinado local e em simultâneo (presença física e síncrona)” (OEI, 2020, p. 13) e por ensino não presencial “aquele em que a interação se caracteriza por ocorrer de forma flexível, sem exigir a presença física e síncrona de professores e alunos, que podem interagir diretamente de diferentes lugares em diferentes momentos” (OEI, 2020, p. 13). O ensino não presencial pode assumir diversas tipologias: o ensino à distância, o ensino online ou virtual e o ensino semi-presencial. Tendo em conta o período excepcional que vivemos definiremos somente as duas primeiras tipologias, respetivamente. Assim, a definição mais consensual de ensino à distância corresponde “aquele em que a presença física do aluno não é necessária para a transmissão de conhecimento e em que diferentes recursos podem ser utilizados, como publicações impressas, videoconferências, materiais digitais, além do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), embora não seja o principal meio” (OEI, 2020, p. 13), ou seja, no ensino à distância existe “a separação entre o professor e o estudante pelo espaço, pelo tempo ou por ambos, e o uso de mídias e tecnologias para possibilitar a comunicação e o intercâmbio durante o processo de aprendizagem, apesar dessa separação” (UNESCO, COVID-19 resposta educacional, 2020, p. 2). Por sua vez, entende-se por ensino online ou virtual aquele “que utiliza as TIC como principal meio de desenvolvimento de atividades formativas, deixando de lado as atividades de avaliação que, quando apropriado, podem ser organizadas pessoalmente” (OEI, 2020, p. 13).

No contexto português, nenhum dos intervenientes implícitos, de uma maneira geral, estava preparado, para no imediato, dar resposta de forma eficaz, sem que as desigualdades socioeconómicas das famílias aumentassem as desigualdades de acesso e sucesso dos alunos. Apesar de todo o potencial que a tecnologia acarreta não podemos pensar que o caminho a empreender passa pela aprendizagem à distância. Nada substitui o contacto presencial. Nestas circunstâncias de excepcionalidade é importante valorizar e fomentar as aprendizagens que ocorrem no seio familiar (UNESCO, Protecting and Transforming Education for Shared Futures and Common Humanity - A Joint Statement on the COVID-19 Crisis, 2020). Esta passagem para o ensino à distância de forma tão abrupta, ao nível da sua eficácia, estava condicionada pelos diferentes níveis de prontidão, a saber: tecnológica, de conteúdo, de apoio pedagógico e de aprendizagem em casa e de monitoramento e avaliação (UNESCO, COVID-19 resposta educacional, 2020). Importa destacar que no contexto português houve, entreajuda e partilha de ideias e de materiais entre docentes. Por parte da tutela, no sentido de colmatar carências identificadas no terreno de desigualdades de acesso a equipamento tecnológico, houve a criação de um programa televisivo designado por estudo em casa, transmitido num canal aberto sem que houvesse a exigência de custos acrescidos para as famílias ao nível de internet. De realçar ainda, que em Portugal as diferentes plataformas

educativas digitais, durante o período de confinamento e até ao final do ano letivo, ficaram acessíveis a todos sem qualquer custo.

Metodologia

A presente investigação consistiu na aplicação de um inquérito por questionário – através da plataforma GoogleForms e disponibilizou-se nas redes sociais em abril de 2020. Estava dividido em duas partes: a primeira parte visava caracterizar a amostra; a segunda parte pretendia recolher informação sobre como os pais/encarregados de educação, durante o período de confinamento, fizeram a gestão familiar/escolar e profissional, o que mais lhes agradou e que significado deram a essas propostas; descortinar as principais dificuldades sentidas, quer através de perguntas abertas, quer através de questões recorrendo à escala de Likert – registando o grau de concordância com uma dada afirmação. A informação recolhida foi analisada recorrendo-se para o efeito ao tratamento estatístico.

2.1 Caracterização da amostra

Nesta investigação participaram 39 encarregados de educação, cuja média de idades era de 39 anos. 36 dos respondentes eram do sexo feminino e três do sexo masculino. Relativamente à profissão: 11 eram professores, seis administrativos, três profissionais de saúde, uma cabeleireira, dois ceramistas, uma doméstica, dois engenheiros, seis gerentes, uma auxiliar da educação, uma networker, uma comissionista, uma pasteleira, uma estudante, uma contabilista e um técnico superior de desporto.

Ao nível da formação académica tínhamos 18 licenciados, quatro doutorados, cinco mestres, uma pós-graduação, seis com formação profissional, quatro com ensino secundário e um com o 3.º ciclo do ensino básico. No que concerne à situação profissional 32 estavam empregues e sete outra. Relativamente ao número de filhos: 16 tinham somente um filho; 19 tinham dois filhos; três tinham três filhos e um tinha quatro filhos.

Todos os respondentes dispunham de equipamento tecnológico (computador, smartphone, telemóvel, tablet) com acesso à internet. Contudo, dadas as alterações de trabalho e interação da escola com os filhos quatro encarregados de educação referiram que tiveram necessidade de adquirir mais algum equipamento tecnológico (computador, smartphone, telemóvel, tablet), para poder trabalhar e/ou acompanhar as aulas.

Perante a questão relativa à situação em que se encontrava face às medidas de contingência em relação à COVID-19, conforme se pode verificar no Gráfico 1, obtivemos o seguinte:

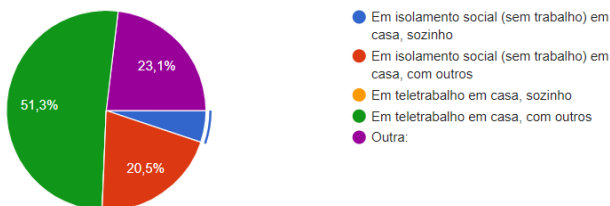


Gráfico 1- Situação face às medidas de contingência em relação à COVID-19

Relativamente à região dos respondentes: 36 eram da zona centro, dois da zona de Lisboa e um da zona norte. Quanto aos níveis de ensino frequentado pelos filhos, as situações foram muito diversas, acrescendo o facto de alguns agregados familiares terem mais do que um filho.

Apresentação dos dados

Tendo presente a diversidade de situações em que se encontravam face às medidas de contingência em relação à COVID-19, conforme foi apresentado na caracterização da amostra, perante a questão sobre como considera que foi a gestão das suas tarefas: laborais, domésticas e as do(s) filho(s), numa escala de Lickert, em que 1 correspondia a péssima e 5 a ótima, verificamos, de acordo com o Gráfico 2, que: 51,3% conseguiu gerir bem as suas tarefas e dos filhos, 38,5% considerou que não geriu nem bem nem mal as diferentes tarefas e 10,3% considerou que fez uma má gestão das mesmas. Esta situação pode dever-se a um dos níveis de prontidão apresentados pela UNESCO (UNESCO, COVID-19 resposta educacional, 2020).

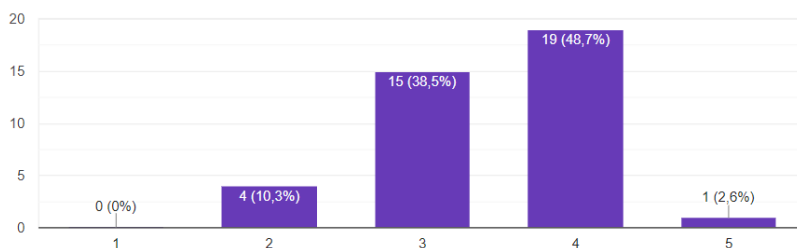


Gráfico 2 – Gestão das tarefas das suas tarefas: laborais, domésticas e as do(s) filho(s)

Quando questionados se durante o período de confinamento as propostas de trabalho desenvolvidas pelos professores do(s) seu(s) filho(s) foram primordiais, numa escala de

Lickert ,em que 1 correspondia a discordo totalmente e 5 concordo totalmente, verificamos que para 61,5% foram imprescindíveis, conforme se pode visualizar no Gráfico 3

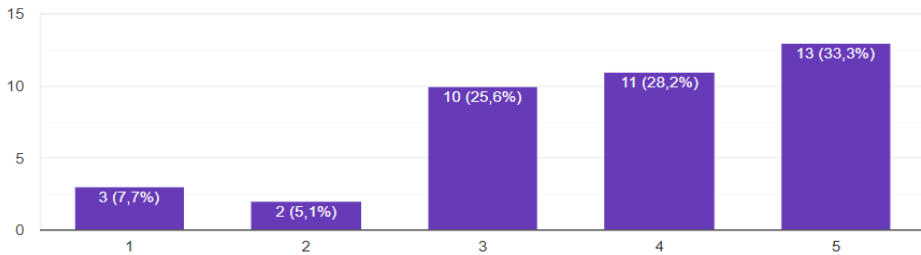


Gráfico 3 – Primordialidade das tarefas propostas pelo professor

Embora a maioria (53,8%) tivesse considerado que o trabalho sugerido pelos professores foi adequado, as opiniões foram mais divergentes, isto é, para 25,6% as propostas foram inadequadas e para 20,5% nem adequadas nem inadequadas, conforme se pode verificar no gráfico que se segue:

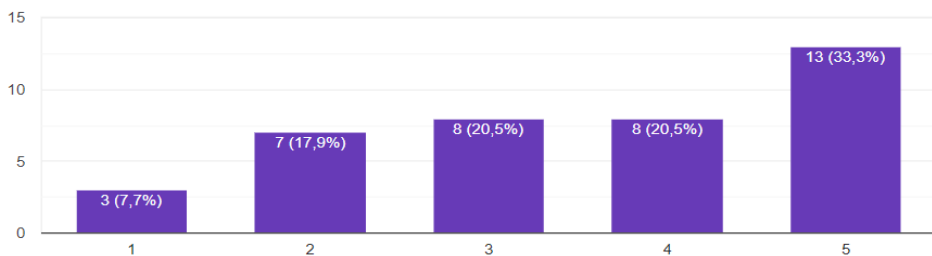


Gráfico 4 – Adequação do trabalho sugerido pelos professores

No caso dos níveis de inadequação verificados, pode dever-se ao facto de por vezes não se ter ao dispor os recursos materiais exigidos e pelo educador/professor não ter valorizado e estimulado aprendizagens em seio familiar (UNESCO, Protecting and Transforming Education for Shared Futures and Common Humanity - A Joint Statement on the COVID-19 Crisis, 2020).

Quando questionados sobre a frequência de contacto por parte dos professores com os seus filhos verificamos que para 53,9% este contacto foi regular, para 25,7% inexistente e para 20,5% com alguma regularidade.

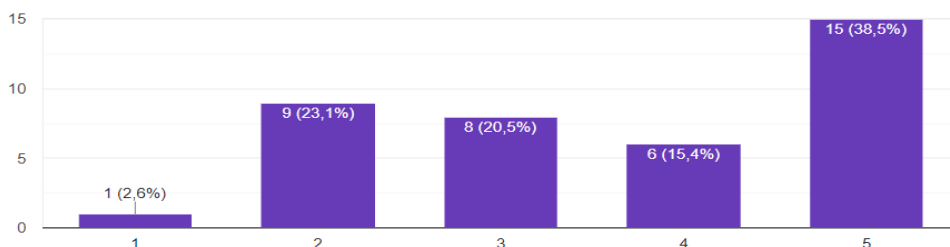


Gráfico 5 – Regularidade de contacto professor-aluno

Relativamente, à importância do contacto entre professores e alunos consideraram que foi importante na medida em que permitiu: continuar hábitos de trabalho e aprendizagem, apoio e esclarecimento de dúvidas (14 registos); manter a noção de pertença a um grupo e até o cimentar de elos afetivos e de proximidade (12 registos); manter a rotina (sete registos). Houve ainda a registar que o contacto em algumas situações foi nulo e noutras escasso.

No que concerne, à modalidade de contacto com o(s) seu(s) filho(s) foi feito com recurso a: 10,3% a sessões síncronas, 43,6% a sessões assíncronas e 48,7% a sessões síncronas e assíncronas.

As plataformas digitais que viabilizaram esse contacto foram as mais diversas conforme se pode verificar no Gráfico 6 que se segue:

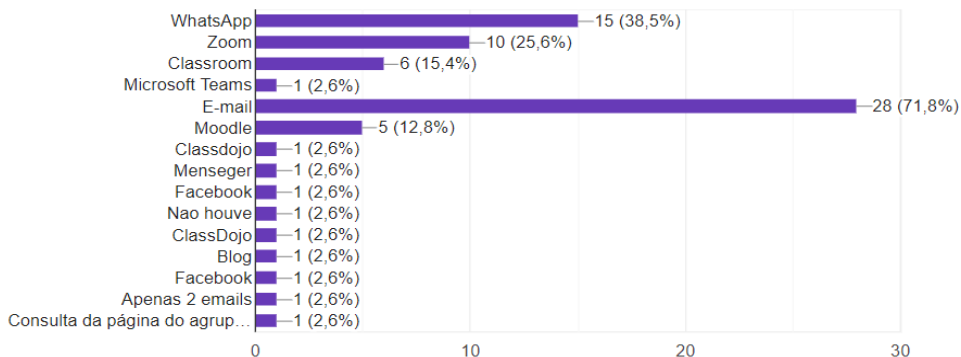


Gráfico 6 – Plataformas digitais através das quais foi feito o contacto

Diversas também foram as propostas de atividades feitas às crianças existindo uma grande incidência nas sugestões de atividades de auxílio nas tarefas domésticas, brincadeiras livre e envio de e-mail com fichas de trabalho e links para pesquisas.

Os pais de uma maneira geral foram recetivos às propostas de trabalho dos professores conforme se pode verificar no Gráfico 7:

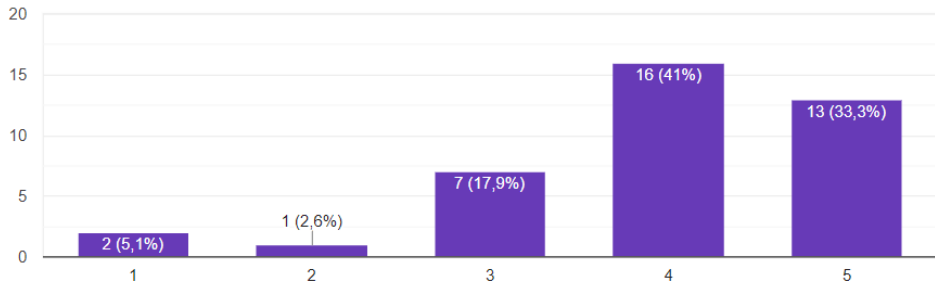


Gráfico 7 – Recetividade dos pais aos trabalhos sugeridos pelos professores

Quando questionados sobre o que consideraram que influenciou a sua recetividade às atividades propostas pelos professores destacaram-se três situações: maior disponibilidade/predisposição para acompanhar os filhos (43,6%); interesse (38,5%), acessibilidade a equipamentos tecnológicos e internet (25,6%) e, por último, no pólo oposto, a sobrecarga de trabalho (estarem em situação de teletrabalho e terem de assumir funções de "docência") (23,1%), à semelhança dos níveis de prontidão identificados pela UNESCO.

Finalmente, o impacto que as alterações de trabalho exigidas durante o confinamento devido à COVID-19, trouxeram para os contextos familiares o que mais se destacou foi: para 46,2% melhor gestão do seu tempo; para 43,6% estar disponível quase permanentemente; para 33,3% maior volume de trabalho; maior flexibilidade de horário; maior desgaste emocional; para 28,2% maior cansaço; maior stress.

Considerações finais

Podemos dizer que estávamos perante um grupo de respondentes, que dadas as suas características pode ser considerado de privilegiado, na medida em que todos disponham de equipamento tecnológico, e quando foi necessário reforçaram esse equipamento, não podendo esta realidade ser generalizada a todos portugueses. Ressaltou que a gestão familiar/escolar e profissional foi minimamente bem conseguida; houve a valorização das propostas feitas e que as mesmas foram fundamentais para manter uma rotina de trabalho e continuidade de aprendizagem. Os dados indiciam que o bom senso imperou ao nível do trabalho sugerido pelos professores, que apostaram em tarefas domésticas e práticas não se tendo caído no exagero daquilo que as famílias podiam e conseguiam fazer com os seus filhos em casa. Os momentos de contacto entre professor e alunos foram apreciados pelos pais, havendo a lamentar nalgumas situações de fraca regularidade ou até mesma a inexistência desse contacto. De uma maneira geral os pais estiveram recetivos às propostas sugeridas.

Contudo, houve dificuldades a registar associadas a desgaste emocional, a maior cansaço e a maior stress que toda a gestão familiar/escolar e profissional, exigia.

Referências

- Dias, É., & Pinto, F. C. (s/d de jul/set de 2020). A Educação e a Covid -19. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, pp. 545-554. doi:<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801080001>
- OEI. (2020). *Guia Ibero-americano para a avaliação da qualidade no ensino à distância*. Madrid: Organização de Estados Ibero Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura.
- UNESCO. (abril de 2020). COVID-19 resposta educacional. *Estratégias de ensino à distância em resposta ao fechamento das escolas devido à COVID-19*. UNESCO.
- UNESCO. (2020). Protecting and Transforming Education for Shared Futures and Common Humanity - A Joint Statement on the COVID-19 Crisis. *Futures of Education - learning to become*.